

## TUMULTO

# Experiência do impossível



*“o que nos forma é o que nos escapa.”*  
*Eclesiastes*

Washington Drummond\*

### 1.

O espectro kantiano ronda a questão da experiência.

O problema se coloca na distinção kantiana entre intuição sensível e experiência cognoscente. Embora, nada possa ser conhecido sem ser dado pela intuição sensível, uma experiência não se confunde com ela, a qual nada conhece por ser mera sensação, um desfile de impressões subjetivas. Uma experiência, isto é, o conhecimento de um objeto, embora não possa prescindir da intuição, só será possível pelo entendimento.

215

### 2.

Numa entrevista de 1978, Foucault (1994, p. 41-95) aborda o tema da experiência numa espécie de rememoração proustiana dos primeiros anos de sua formação no início dos anos 1950 marcada pelo hegelianismo e a fenomenologia. Ao ensaiar uma fuga da cena acadêmica francesa em seu tempo, a estratégia foucaultiana exercita uma aproximação com aqueles que, segundo o autor, não mais eram filósofos no sentido institucional, mas tentavam uma experiência pessoal em detrimento da criação de um sistema. Os nomes nos são conhecidos:

\* professor PPG Crítica Cultural – UNEB,  
PPG Arquitetura e Urbanismo – UFBA

Nietzsche, Blanchot, Bataille. Qual a abordagem inovadora desses escritores? Como linhas de fuga da fenomenologia e sua definição de experiência atrelada ao cotidiano e a um sujeito fundador e transcendental. *Par contre*, no que se refere ao sujeito, a experiência perseguida por esses heróis negativos intentam afastar o sujeito dele mesmo ou levá-lo ao apagamento e dissolução. Pois, “uma experiência é alguma coisa que nos faz sair transformados”<sup>1</sup> (FOUCAULT, 1994, p. 41) É esse o impacto da leitura desses textos sobre o jovem filósofo francês e é essa mesma experiência limite que ele quer que tenhamos quando da leitura de seus livros. Aliás, vivida também pelo autor no momento mesmo de sua concepção e escrita. Como ele nos diz: “Eu sou um experimentador, neste sentido, escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar o mesmo que antes”. (FOUCAULT, 1994, p. 42)

No decorrer da entrevista, surge outra oportunidade de uma experiência limite, diferente da anterior, submetida não mais ao fazer ou escrever livros, mas centrada no exercício político. Foucault narra a tragédia de sua geração após a segunda guerra mundial e a situação intolerável de viver como antes se vivia e assumir os mesmos postos destinados aos filhos da burguesia, como dizia, “queríamos ser outro num mundo completamente outro”.

Considerando que seus livros se ancoram nos primeiros espasmos de uma nova militância política, podemos compreender sua tomada de posição frente aos escritores e teóricos da experiência pessoal, caracterizando um verdadeiro desvio do que eles postulam. Foucault lembra que longe de ser uma mera transposição do vivido para o campo do saber, a experiência deve promover uma transformação que não seja simplesmente a do indivíduo, mas acessível e praticada por outros enquanto ligadas a uma prática coletiva e a uma maneira de pensar, ao

tempo que distanciada de uma pura subjetividade ensimesmada. Embora, não possa ser retomada, na solidão necessária do gesto, da experiência pode ao menos ser “cruzada” e “reatraversada” por outros. (FOUCAULT, 1994, p. 46-47)

O que nos chama atenção, e nos decepciona, é o deslocamento foucaultiano: o impossível transforma-se numa experiência de fundamentação livresca e política, e pior, nos dois casos, finalista.<sup>h</sup>

Entretanto, retomemos um ponto precioso das reflexões foucaultianas acerca do sujeito e sua indicação de que talvez (seria o recalçado espectro kantiano que ainda nos assombrava?) não nos seja permitido pensar qualquer experiência que seja sem colocar sobre fogo cerrado o estatuto do sujeito e sua função fundadora, do contrário estaríamos sempre no espaço viciado da filosofia do sujeito. Nos termos evocados por Foucault será preciso, com a proveitosa leitura de Nietzsche, Blanchot, Bataille, submeter a questão do sujeito a uma experiência que “chegaria a sua destruição real, a sua dissociação, a sua explosão, o seu retorno como qualquer outra coisa”. Particularmente, nos debruçaríamos sobre os escritos de Bataille nos quais apreendemos as “experiências limites pelas quais o sujeito sai dele mesmo” se decompondo “como sujeito nos limites de sua própria impossibilidade”. (FOUCAULT, 1994, p. 48-49)

O pensamento de um sujeito que coloque em risco sua própria identidade através de uma experiência crucial e instauradora desemboca, no tortuoso percurso da escrita foucaultiana, no estudo da história da ciência e na diferenciação entre “saber e conhecimento”. Os dois termos serão redefinidos em suas relações com uma nova concepção de sujeito que modula de um para outro. Enquanto o “saber” designa “um processo pelo qual o sujeito suporta uma modificação por aquilo mesmo que ele conhece, ou antes, quando do trabalho que ele efetua para conhecer”, permitindo “modificar

o sujeito e construir o objeto”, o “conhecimento” será definido como “o trabalho que permite multiplicar os objetos cognoscíveis, desenvolver sua inteligibilidade, compreender sua racionalidade”, mantendo, entretanto a fixidez do sujeito”. A distinção se dará mais fortemente na conceituação do sujeito como produtor de saber, agora entendido num processo histórico de aparição e aniquilamento, enquanto “engajamento de si mesmo no interior de seu próprio *saber*”. Esta posição finda por colocar em suspeição o sujeito cognoscente, neutralizado pelas próprias regras impostas à experiência, ou melhor, experimento que possibilita o conhecimento<sup>3</sup>.

Por mais uma vez, Foucault se aproxima de maneira inaudita dos trabalhos desenvolvidos por Georges Bataille acerca da experiência limite e do apagamento do sujeito, mas o “retoma em uma história coletiva que é aquela do Ocidente e de seu saber”. (FOUCAULT, 1994, p. 57)

Em 1963, Foucault mantinha um outro ponto de vista sobre o pensamento de Bataille, o qual não “esquece”,<sup>4</sup> como na entrevista de 1978, que a análise não pode prescindir do conceito de soberania: “a morte de deus conduzindo para a nossa existência o limite do ilimitado, [...] a uma experiência por consequência *interior e soberana*”. (FOUCAULT, 1963, p. 753) Retomemos daí a nossa abordagem.

### 3.

O espectro da morte de Deus ronda a questão da experiência em Bataille. Dessa maneira, nosso primeiro problema será afastar o mais longe possível a “experiência interior” da experiência mística. Nos dias de hiper-realidade desértica, tecnofilia e tele-sacralidade nada mais fora de tempo. Quão distantes estaríamos das epifanias urbanas surrealistas<sup>5</sup> ou daquelas provocadas pelo espanto que sonda a cotidianidade dos dias nos escritos de Clarice Lispector?

O próprio Bataille ao conceitualizar a “*experiência interior*” a contrapõe à experiência mística, o que avaliamos sem desprezar o jogo de aproximação e negação que elas estabelecem entre si: “Entendo por experiência interior o que habitualmente nomeia-se experiência mística: os estados de êxtase, alegria, de emoção meditada”, entretanto, ele imagina menos uma “experiência confessional” que “uma experiência nua, livre de amarras, mesmo de origem, a qualquer confissão que seja” concluindo imperativo: “não gosto da palavra mística”. (2006, p. 15)


Embora próximos, os procedimentos das duas experiências se diferenciam, pois se o apagamento do ser no misticismo se completa num estado de transcendência (encontro com a deidade), em Bataille, o exercício da vertigem se esgota nela mesmo, sendo a nadificação o lugar da imanência absoluta. Nas experiências limites da morte, da loucura ou do erotismo, o sujeito vai até ao próprio desconhecimento e daí a uma nudez sem par, à visão do falso fundo que o constitui, à noite profunda e tenebrosa, a uma perda de si que lhe deslumbra o esgotamento. Perda e doação, sem nenhuma reserva ou economia, que promovam a gestão da dissipação energética. A ameaça da dissolução total paira sobre o gesto sem apresentar saída ou ímpeto produtivo e de aproveitamento daquilo que se esvai em si mesmo, sem resto.

É a soberania (*souveraineté*) preconizada por Bataille. Aqui, a “experiência interior” se instaura além de todo sentido e de todo discursivo, recusando qualquer avaliação conceitual. Como bem a define Jean-François Louette, soberanas são “todas essas condutas, ou antes esses estados, todos esses êxtases pelos quais se é arrancado do mundo da utilidade, da produtividade”. (LOUETTE, 2004, p. 40-46)

Mesmo proporcionada pela cultura, a *experiência do impossível* em Bataille rompe com ela no momento de sua realização, explodindo

em mil intensidades que se reagrupam e escapam do imaginário ou discursivo e só reconhece a sua própria força, expansão e apagamento. Impossível de conduzi-la a uma finalidade, aos desejos prosaicos da vida em comum, pois ela atua como uma ameaça no prosaico da constituição do social e da cultura.

Qual a importância do debate que ainda nos incita sobre a experiência quando a morte esconde-se nas *funerals homes*, o erotismo no hedonismo narcísico e a comunicação na banalidade webica? Será que estamos a ver moínhos dos quais apenas percebemos as marcas deixadas pelo desaparecimento?

Hoje a *performance* está no lugar da experiência exibindo radiosa a sua repetição instantânea e produtiva que caracteriza nossos dias. 

## Notas

<sup>1</sup> As traduções livres foram feitas pelo autor e pela pesquisadora Lívia Drummond diretamente do original.

<sup>2</sup> Procedimento similar foi desenvolvido pelo historiador da arte Georges Didi-Huberman ao citar a “experiência interior” em seu livro *Sobrevivência dos Vagalumes*, UFMG, 2011.

<sup>3</sup> De vital importância para essas notas as considerações sobre experiência/experimento desenvolvidas nos Estudos Teóricos do Laboratório Urbano pelo meu colega Prof. Dr. Fernando Gigante a quem agradeço publicamente.

<sup>4</sup> Não sem esquecermos também o difícil e problemático conceito de *transgressão*. Um tratamento interessante a esse conceito foi dado por Foucault no *Préface à la transgression*. Deleuze simplesmente o recusou jocosamente: “bom conceito para os seminaristas sob a lei de um papa”.

<sup>5</sup> Uma possível continuidade desse texto seria a análise do conceito de *iluminação profana* em W. Benjamin.

ARNAUD, Alain; EXCOFFON-LAFARGE, Gisèle. *Bataille*. Paris: Seuil, 1976, p. 28.

BATAILLE, Georges. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 2006, p. 15.

FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. In: *Dit et écrits: tome IV 1980-1988*. Paris: Éditions Gallimard, 1994. p. 41-95.

\_\_\_\_\_. Préface à la transgression. In: *Critique n 195-196: Hommage a Georges Bataille*, août-septembre 1963. Paris: Éditions de Minuit, p. 753.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

LOUETTE, Jean-François. Introduction. In: BATAILLE, Georges. *Romans et récit*. Paris: Éditions Gallimard, 2004.